

O lixo sagrado das velas: como resíduos de parafina influenciam a expressão da espiritualidade¹

Luiza Lince Jesus dos Santos
PPGECC - IFCS/UFRJ

Palavras-chave: lixo sagrado; velas; religião.

INTRODUÇÃO

Religião Material (Meyer et al., 2010; Giumbelli; Rickli; Toniol, 2019) é um campo de estudo que pensa a religião como algo impossível de ser desvinculado de suas expressões concretas, isto é, tudo aquilo que não é unicamente discursivo. É importante perceber como a estética é algo muito importante para a formação de uma identidade religiosa. O conjunto de materialidades que compõem um ambiente sagrado é parte indispensável para se fazer religião. Cultos e rituais são compostos por objetos que identificam o espaço e os religiosos que nele estão inseridos e que manipulam esses objetos sagrados. Essas formas materiais são tão descritivas que é difícil imaginar as fés sendo professadas na ausência delas.

É por isso que Birgit Meyer (2018) defende que a estética deve ser considerada como central para a formação de modos de ser e de pertencer que são individuais, mas também são coletivos, já que religião se faz em comunidade. Sendo a materialidade um aspecto fundamental da religião, é possível compreender que a vela funciona como um objeto que compõe a forma sensorial (Meyer, 2018) responsável por produzir sentido na relação que humanos estabelecem com a religião.

Enquadro minha análise na figura da vela porque entendo que as religiões que fazem o uso da vela atribuem a ela um caráter indispensável dentro do contexto sagrado. Essa materialidade sagrada é item obrigatório, por vezes principal, e portanto, torna-se impossível conduzir determinados ritos na sua ausência. Como a vela é pilar dessas práticas, assim também é o que resta dela depois que cumpre sua função. O tipo de chama, ou a figura formada pela parafina/cera derretida são códigos que transmitem informações do mundo de lá para o mundo de cá. As velas, então, podem ser entendidas como um meio de comunicação e acesso ao sagrado através do lixo que surge assim que o processo de deterioração começa. É

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

claro que esse objeto opera como materialidade sagrada que sustenta práticas tradicionais religiosas. Mas e depois do uso? O que resta?

Com esta pesquisa me dedico a compreender esse objeto, enquanto materialidade indispensável em diversos contextos religiosos, bem como seus resíduos após o uso quando ela se converte em lixo sagrado (Stengs, 2014; Toniol, Lince & Thomaz, 2025) - nome dado a materialidades religiosas danificadas e sem serventia. Contrapondo a noção de que objetos têm vida útil, me aproprio da ideia de compreender as materialidades como detentoras de uma vida social (Appadurai, 2008) para investigar meu objeto.

O conceito de vida útil está relacionado ao intervalo de tempo em que um utensílio é considerado proveitoso e se encontra em bom estado. Ao dizer que materialidades possuem vida social, conduzo uma análise que entende que os objetos, nesse caso em específico a vela, carregam uma energia particular que independe de sua utilidade explícita. O que está em jogo não é exatamente sua serventia, mas sim o seu significado e sua importância mesmo depois que parece não servir mais. O foco da análise são as reações em cadeia que orbitam sua “inutilidade” e que dão a ela uma vida social. Para isso, me propus a analisar a vida social (Appadurai, 2008) da vela, acompanhando todo o caminho percorrido por essa forma material. Desde onde ela ganha o primeiro respiro de vida: na fábrica de velas. O percurso é traçado em continuidade da seguinte maneira: sua venda para as lojas, a revenda nessas lojas religiosas, o uso em rituais, a coleta da produção de lixo pós-uso e a logística reversa desses resíduos para as fábricas, em casos que houver.

Neste texto buscarei apresentar perspectivas distintas quanto a produção, uso e descarte; visando colocar em evidência a relevância da vela dentro do paradigma religioso, seus múltiplos significados e agências no modo humano de viver.

SOB A PERSPECTIVA DO COMÉRCIO

Assim que a vela atinge seu estado residual, ou seja, se converte em lixo, é recolhida do velário da paróquia Santo Antônio dos Pobres, no centro do Rio de Janeiro, e segue seu percurso para a Fábrica Veluz, na zona norte da cidade. Persigo seu vestígio e também chego até lá. Ao contrário do que se imagina ser o destino óbvio - lixões e aterros - a vela é encaminhada para reaproveitamento em fábricas como a Veluz, que tem uma grande parte de sua produção baseada em cera sintética, aquela que resulta da reciclagem da parafina. A partir de uma relação econômica baseada em porcentagem de troca, compra e venda, a vela chega à fábrica na forma de resíduos para ser transformada em outras novas velas. Minha curiosidade é saber em qual época do ano eles vendem mais e Marcelo, o proprietário, me diz que é na

época de Páscoa e questiono se tem ligação com o círio pascal - a enorme vela amarela símbolo da ressurreição de Cristo - porque, pela coloração, presumo que seja feito de cera e não de parafina pura. Ele me explica que tradicionalmente o círio era feito com cera de abelha, por isso a maioria dos círios são amarelados. Mas isso não é mais regra atualmente. Vai de acordo com o gosto do padre, há padres que pedem o círio branco, então eles fazem de parafina. Mas é claro que a maioria não sendo de parafina pura, facilita o alto rendimento na época de Páscoa porque viabiliza o reaproveitamento de resíduos e a produção de círios que não devem obrigatoriamente ser brancos. Marcelo me explica que os círios amarelados hoje em dia são de cera - a sintética - ou de parafina tingida justamente para remeter aos primórdios.

Na minha ronda pela fábrica com Marcelo, identifico uma vela diferente das outras comuns, deve medir cerca de dez centímetros. Ela é amarelada, carrega um adesivo com um alfa, uma cruz, os números do ano de 2025 e um ômega. Confirmo se é um círio e Marcelo me diz que é um mini círio. Serve para os fiéis acenderem dentro de casa em seus pequenos rituais. Conversando com o funcionário Alex, ele me conta que a produção da Veluz segue o calendário católico, então logo depois do carnaval a confecção de círios se inicia.

Os círios de metro são feitos sob encomenda das igrejas, já os mini círios, são vendidos para as lojas e inclusive na própria loja da fábrica de Marcelo. Saio de lá com um mini círio, que ganho de presente de Marcelo, e com o endereço da loja. É interessante perceber que saindo da fábrica e chegando à loja Principado das Velas, no centro do Rio de Janeiro, a vela, agora de cera, é agenciada de outra forma.

Na loja, a procura por velas de parafina pura, as velas brancas, é maior. Enquanto que as velas de cera, as levemente amarronzadas devido ao processo de reaproveitamento, possuem menos demanda. Isso não é à toa. A vela de parafina é feita de material puro e nunca foi usada antes, a cor remete a pureza e os fiéis-clientes sabem disso. Por outro lado a vela de cera já foi usada antes e por ser reciclada é preterida por ser “vela já rezada”, segundo o balconista que conversa comigo. Fica evidente, portanto, que esses sujeitos não desvinculam uma possível energia desconhecida que ronda aquele objeto e, sendo assim, preferem não contaminar seus rituais com uma carga energética que não sabem de quem ou de onde provém.

SOB A PERSPECTIVA CRISTÃ

No centro da cidade do Rio de Janeiro, bem próximo ao meu campus de Pós-Graduação, está a Igreja de Nossa Senhora da Lampadosa. O que me atrai até lá é a

informação de que a igreja produz as próprias velas. Quem me recebe é o Maurício, o provedor. Ele fica muito interessado quando conto do que se trata a minha pesquisa e de pronto aceita meu convite para uma entrevista.

Vamos até a sala da administração para iniciar nosso papo. Maurício me diz que sempre foi tradição nas igrejas o uso das velas, do fogo, porque o fogo significa a esperança na ressurreição - ele enfatiza bastante isso ao longo de toda a conversa. A língua de fogo do espírito santo. Quando Cristo soprou o Espírito Santo em Pentecostes sobre os apóstolos - a igreja nascente - o Espírito Santo se manifestou em línguas de fogo. A vela é a esperança da ressurreição porque a igreja é a continuação da encarnação de Jesus Cristo, por isso as velas sempre foram associadas ao fogo, ao batismo, à ressurreição e à língua do Espírito Santo. Ele me explica que ao acender uma vela, o fazemos visando a ressurreição de uma pessoa. Acende-se acreditando na ressurreição, e nada mais.

Ele esclarece: “Não adianta queimar um caminhão de velas porque isso não livra ninguém do purgatório. Não adianta querer aparecer! As pessoas faziam isso para mostrar que tinham muito dinheiro, era um símbolo de ostentação.” - ele diz - “Não adianta queimar vela se você não tem fé”.

Pergunto qual é a relação de fé dele com as velas, ele me aponta seu altar para Nossa Senhora de Lampadosa e lá está uma vela acesa quase que no fim. Esse fio da conversa se desenrola e ele me explica que a igreja produz as próprias velas. Maurício me explica que lá vendem não somente para o público católico e que sob sua liderança, a igreja desenvolveu velas de altar porque gastavam muitas velas nas missas e celebrações, antes eles só comercializavam velas “normais”, ou seja, aquelas numeradas. Mas ele percebeu que havia uma devoção muito grande e as pessoas pediam outras velas, então ele criou a vela de cinco horas, de sete horas, a de sétimo dia (que vem com a estampa da Santa), as comuns (sem estampa), a vela do Divino Espírito Santo - que é vermelha -, vela de São Miguel Arcanjo e a vela de altar. Tudo isso com o propósito de melhorar e estimular a devoção à Nossa Senhora da Lampadosa e ao Divino Espírito Santo nessa simbologia, segundo ele.

Quero saber se acender velas é um costume que está se perdendo. Ele me responde que o que está se perdendo é o “porquê” das velas. “Se as pessoas entenderem qual é a finalidade de acender as velas, se mantém a tradição normalmente. Agora, se as pessoas vem aqui acender velas pelas razões erradas, claro que isso vai se perder”, ele me diz. O provedor afirma convicto que “a vela é o símbolo da ressurreição em Cristo”. O que me leva a refletir que esse objeto, ainda que de forma imperceptível para os católicos, é o próprio Cristo no paradigma que Birgit Meyer (2010) estabelece. A vela não pode ser maculada, não pode ser

acesa em vão ou para espetacularizar a fé. Ela deve ser manipulada da maneira mais respeitosa possível, afinal ela é o Cristo.

“Por que quando se vai celebrar a missa, tem duas velas no altar? Ou mais velas acesas?” Ele me indaga numa pergunta retórica e responde a si mesmo: “Eu creio na ressurreição daquele que vai se fazer presente no altar em corpo, sangue, alma e divindade. Toda origem tá nisso.” Assim é possível perceber que vela é o canal que conduz acesso a Cristo, mas também é o Espírito e também é o Pai. A vela não representa a Santíssima Trindade, ela é a Santíssima Trindade. Vela é Deus.

Pergunto qual é a necessidade da vela, em específico, para esses rituais. Me interessa saber a razão de não usar qualquer outro objeto sagrado. Maurício me explica que é apenas uma tradição que se perpetuou, o uso da vela não é obrigatório. Aprendo que no Antigo Testamento, por exemplo, não havia o costume de se usar velas, na verdade, eram lamparinas de azeite. A vela passou a ser utilizada, não só pela iluminação, mas pelo seu desgaste aparente, segundo Maurício. Nossa conversa vai se encaminhando para onde quero chegar: o lixo. “Quando você acende a vela, ela não se desgasta para que tenha luz?”, Ele me pergunta. Assinto com a cabeça. “É o Cristo”, ele completa, “a vela se consome para que você tenha a luz, o altar é o novo calvário”. E aí que consigo perceber nitidamente a concepção de Religião Material que diz que as coisas não são representações da religião. Elas são de fato a religião propriamente dita. Maurício não me diz que o altar representa o calvário, ele diz exatamente que “o altar é o novo calvário”. A escolha de palavras, ainda que inconsciente, evidencia a leitura material sobre a expressão religiosa. As coisas são.

O provedor explica que acende-se a vela porque é o Cristo que se consome no sacrifício do altar para que recebamos o corpo e sangue dele, e a vida eterna em consequência. A vela funciona como instrumento lúdico de uma narrativa cristã. Não representando o corpo de Cristo, mas sendo o corpo dele.

Sendo assim, mais uma vez é possível perceber a importância dos resíduos dentro do contexto religioso e a maneira coadjuvante, mas ainda sim imprescindível, para a formação de uma mentalidade religiosa: Jesus se desfez para a salvação da humanidade. Maurício defende que a missa é o sacrifício de Jesus e que, por isso, nela há velas. Segundo a narrativa religiosa, Cristo, para dar luz ao mundo, precisou aniquilar o próprio corpo e é por isso que a vela se acaba, porque ela simboliza esse sacrifício. Meu interlocutor me diz que por isso as velas de pilha estão erradas do ponto de vista litúrgico. Porque não se acabam.

Então, o ponto que levanto nesta dissertação, de que a vela é essencialmente um lixo sagrado, porque o que dá sentido à sua existência é seu almejado desgaste, se confirma

indiretamente pela boca do meu interlocutor. É o seu processo de se tornar lixo que a torna sagrada. Seu desgaste é sacralizador.

Pergunto se há alguma vela especial para alguma ocasião especial e ele cita o, já conhecido por mim, círio pascal. Essa vela, a Igreja de Nossa Senhora de Lampadosa não produz. Quero saber, então, de onde vem o círio que é usado lá, na tentativa de traçar uma rota, mas Maurício diz que não há fidelidade a loja alguma. Compram onde houver melhor custo-benefício.

Busco entender como é essa produção independente que acontece lá. Ele me esclarece que as velas produzidas pela Lampadosa são feitas de maneira terceirizada. A fábrica não é própria da igreja, mas produz conforme as orientações dele. Os resíduos do velário da igreja são utilizados para fazer as novas velas e a empresa é responsável por recolher esses resíduos. Pergunto que fábrica é essa e ele gentilmente se recusa a revelar o nome, mas me diz que na verdade são duas e que as fábricas aproveitam esses resíduos em outras produções também. Concluo que o papel da Lampadosa é apenas fornecer os resíduos e ditar a forma estética das velas que retornaram para lá.

A respeito do trato do velário, na Lampadosa ocorre o mesmo esquema da Santo Antônio dos Pobres: apaga-se as velas ao fim do dia para evitar incêndio e no dia seguinte, se acende as restantes para que queimem até o fim. Interpreto esse costume como uma forma de respeito à fé daqueles que acenderam. Entendo que a vela possui significado dentro do contexto católico, então pergunto de forma objetiva se o resíduo da vela significa algo também e Maurício prontamente me diz que não. A Igreja de Nossa Senhora da Lampadosa usa apenas para dar vida a novas velas. Ele aproveita para explicar que as velas vermelhas devem ser derretidas separadamente. Caso contrário, deixam as novas velas rosadas e “o povo não gosta” - o que me remete imediatamente à explicação de Marcelo, Proprietário da Veluz, sobre a preferência dos clientes por velas brancas.

Maurício continua sua explicação me contando que essas velas coloridas são usadas em dias de liturgia (como natal, pentecostes etc) e que se o padre abençoa a vela, a igreja não pode se desfazer nem dos resíduos dela, ou seja, a vela não pode ser descartada no lixo comum. Ela deve ser obrigatoriamente reaproveitada, assim como acontece com o círio pascal, que é reutilizado em outras cerimônias como o batismo e o que resta dele é enviado de volta para fábricas para o reaproveitamento. É notório que há um tratamento diferenciado para velas que passaram por um ritual que as sacraliza explicitamente, assim como os resíduos que resultam do uso delas. É uma materialidade remanescente que carrega uma

energia sobrenatural e que demanda um tipo específico de tratamento. O que é isso, senão a manifestação evidente que atesta o lixo sagrado?

Mas como garantir que a sua vela abençoada tenha o destino correto? Maurício diz que é muito simples: o fiel deve levar sua vela até o velário da igreja. Lá ela derrete e se soma às outras, o responsável coleta e aí se fazem novas velas. O fiel deve ter este compromisso. “Então, nesse caso os resíduos passam a ser sagrados também, não é? Já que as velas foram abençoadas pelo padre, o que sobra delas também é sagrado?”, eu pergunto. Maurício me diz que sim porque não pode-se fazer vilipêndio e desrespeito com esses resíduos, deve-se dar um destino adequado para garantir que a vela tenha um novo ciclo de vida.

Reconheço que a benção do padre funciona como uma espécie de neutralizador de energias que impede que qualquer negatividade - possivelmente entranhada nos resíduos - seja transferida para as velas produzidas a partir deles. A ideia de velas “já rezadas” não aparece em momento algum na nossa conversa até aqui, esse tipo de materialidade simplesmente não é uma preocupação sob essa ótica. Aparentemente essa não é uma preocupação dos fiéis ao adquirir uma vela vermelha, por exemplo. O lixo comum só incomoda quando exala mau odor, e da mesma forma, o lixo sagrado só causa repulsa quando sua negatividade pode ser expressamente percebida.

Nossa conversa está quase se findando e não perco a oportunidade de perguntar qual o tipo de vela mais procurada pelos fiéis lá. Ele esclarece que costumavam produzir a vela mais escura justamente pelo reaproveitamento dos resíduos do velário e por ser mais em conta. Mas a procura maior era pelas velas brancas porque as pessoas geralmente, ao fazerem tratos com os santos, prometiam queimar um número específico de velas brancas. Pergunto se a cor interfere em algo e Maurício nega: “é a mesma coisa, a vela só fica mais cara. Eu só não repassei o custo. Mas não adianta! O pessoal quer a vela branca, eles não querem uma vela escura.” E é aí que vestígios da ideia de vela “já rezada” surgem, mas a escolha por velas brancas não é justificada por Maurício como sendo ocasionada pelo percebimento de um uso anterior, me parece ser uma escolha estética inconsciente.

Terminamos a conversa e Maurício me mostra o velário da igreja, muito gentilmente, ele me presenteia com uma vela de cada modelo disponível para venda na loja da igreja. Ele ressalta que ficou muito contente com o convite para a entrevista porque há muitas pesquisas sobre outros itens da igreja, mas as velas não costumam receber muita atenção. O que é um erro, na sua visão, porque as velas possuem um valor enorme, já que por muitos anos não houve luz elétrica na Igreja e se as pessoas conseguiram apreciar toda a magnitude dela é devido as velas que eram queimadas lá dentro.

SOB A PERSPECTIVA DA MAGIA NATURAL

No espaço Terapia & Harmonia, no bairro da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro, em uma manhã de sábado de janeiro, eu e mais quatro mulheres damos as mãos enquanto Michele, a facilitadora, chama a espiritualidade presente ali. Minha observação participante dessa vez começa às nove horas da manhã e se estende até às cinco horas da tarde num curso sobre magia das velas. Michele chama os guias e os anjos para firmar uma vela e assim, iniciar nossa sessão. A orientação é que jamais devemos acender uma vela “sozinhas”, ou seja, antes de pôr fogo no pavio é necessário consagrar a vela à energia superior que te protege, fazendo o que ela chama de “chamar sua espiritualidade”. A facilitadora chama os Orixás, os Erês, os Pretos Velhos, Arcanjo Miguel e Santa Sara Kali.

Eu já havia escutado bastante sobre não poder acender velas em casa. Cada pessoa dizia uma coisa, que seria correto acender no quintal, do lado de fora da casa, ou que não poderia acender em casa de jeito nenhum porque chama obsessores que estiverem por perto... Me questionava sobre as pessoas que acendiam dentro do quarto para seus anjos da guarda. Perguntei a Michele o que era o certo e ela respondeu que não há problema acender velas dentro de casa, me explicou que muita gente recomenda não fazer porque a maioria das pessoas não firma a vela, e aí sim corre o perigo de algum espírito obsessor ser atraído para ali. A firmeza da vela impede esse infortúnio.

Michele seguiu depois dessa breve oração introdutória e dando início de fato às lições do curso. Primeira coisa: seriedade do trabalho. Ao acender uma vela, firma-se um acordo, é como se assinássemos um contrato com a espiritualidade de luz. Jamais devemos utilizar essa técnica para fazer mal a alguém. Ao mexer com forças poderosas, abrimos um portal e colhemos tudo o que plantamos.

O próximo tópico abordado é a qualidade da vela. Isso é muito importante porque se a qualidade for ruim é possível que a vela não acenda, que queime rápido demais ou que entorte e isso prejudica a leitura. Nossa facilitadora deixou claro que ao analisar o ritual, deve-se levar o todo em consideração. No caso das velas, devemos incluir nessa análise além da parafina, o pavio e o tamanho e a cor da chama. Em rituais prolongados que necessitam de mais de uma vela, elas precisam ser idênticas para que a comparação seja feita de forma justa. Percebo que a magia com velas mesmo partindo de um paradigma sobrenatural, conserva as métricas lógicas e racionais de análise.

Michele ressalta que antes de começar qualquer ritual o ambiente deve ser limpo energeticamente para que não haja interferências na prática e que ao finalizar devemos agradecer aos guias espirituais.

E não é porque é um curso de magia com velas que a História fica de lado. Nossa facilitadora volta no tempo para explicar que, apesar de hoje usarmos as velas para rituais e decoração, elas foram a principal fonte de energia. Segundo Michele, há cerca de 50.000 anos as velas já existiam e isso pode ser constatado pois pinturas rupestres mostram que a luz já era fornecida por recipientes com gordura animal e fibras de plantas serviam como pavio. Na Grécia antiga havia também velas em formato de bastão, segundo descobertas arqueológicas e para os gregos costumavam acendê-las no sexto dia de cada mês como adoração a Ártemis, deusa da caça. Penso que devo verificar esses dados depois, mas fico bastante surpreendida com essas informações porque imaginava que o curso focaria somente em lições ritualísticas. eu realmente não estava esperando aprender essas coisas.

Eu já sabia que durante a Idade Média as velas já faziam parte do cenário de igrejas, mosteiros e salões, mas aprendo que o clero aconselhava o uso das brancas para repelir as bruxas. Aparentemente essa cultura das velas brancas não é algo recente, mesmo sem saber as pessoas conservam uma ideia centenária. O material mais comum para a fabricação era o sebo de animais, que causava um odor terrível e muita fumaça, a outra opção possível era usar cera de abelha, mas a quantidade disponível não correspondia à demanda. Na Europa as velas eram consideradas artigos de luxo, artesãos especializados confeccionavam e vendiam a um preço elevado. Apesar disso, a necessidade utilitária tornou esse comércio muito lucrativo.

Com a exploração do petróleo na Modernidade, a parafina surge e torna-se carro-chefe componente da produção de velas que conhecemos hoje. Mas as primeiras referências às velas aparecem nos textos bíblicos que retratam juncos besuntados em sebo. Aprendi tudo isso na fase introdutória do curso. A fonte das informações que consta na apostila que recebi está no site www.origemdascoisas.com.

Uma vez situadas da historicidade do objeto, partimos para a dissecação dele. Nossa Facilitadora Michele ensina que a vela deve ser interpretada da seguinte forma: o corpo da vela é o nosso corpo, o pavio é a nossa mente e a chama representa o espírito. Um entendimento muito parecido com o de Maurício, provedor da Lampadosa, ao explicar que a vela é o próprio Cristo.

Michele explica que a vela concentra as energias dos quatro elementos. Água e Terra são representados pela cera e o pavio, o Ar é a fumaça e o oxigênio que mantém a vela acesa;

e o Fogo é a chama. Começamos com o Fogo, dentro da magia ele é um elemento muito poderoso, sendo o responsável pela limpeza dentro do culto. Seu poder de purificação transmuta energias negativas em positivas por meio da luz e do calor, ele queima toda negatividade e proporciona a luz da positividade. Piromancia é a prática divinatória que interpreta o comportamento das chamas e para trabalhar com velas, precisamos entender o básico dessa arte.

A cor do fogo revela um significado específico. Se a chama for azulada é sinal de força espiritual e um conselho para manter a fé que os objetivos serão alcançados e indica presença de anjos também. Se a chama for amarelada é sinal de felicidade em breve, se for vermelha, indica que é um momento favorável para o pedido e que a intenção vai ser realizada.

Caso haja presença de fagulhas, isso significa tensões e dificuldades e se a chama se levanta e abaixa é indicação de falta de concentração do magista por estar com a mente confusa. A chama em espiral é um claro alerta para que o magista não exponha planos e sonhos antes que se tornem realidade, evitando a interferência de terceiros. Uma chama fraca está diretamente relacionada com a força da sua fé, a intenção precisa ser mais firme e o pedido, reforçado. A chama que vacila demonstra a ocorrência de transformações construtivas, já a baixa revela que haverá demora na concretização do pedido, mas aquela que é brilhante sinaliza que a oração será atendida em breve.

Aprendemos que quando a vela não acende significa que o ambiente está carregado, há muita negatividade e isso dificulta a comunicação com o mundo superior. A dica é: tentou acender três vezes e teve falha, troque de vela. Também pode acontecer de a chama se apagar antes que a vela derreta por completo, quando isso acontece a pessoa deve começar o ritual novamente porque a vela deve ser consumida até o fim. E caso uma vela queime mais rápido do que as outras, ainda que esteja no mesmo ambiente e sob a mesma exposição que as demais, simboliza uma alta demanda de magia no ritual porque toda a energia está sendo sugada. Michele instrui que seja acesa uma outra vela logo em seguida.

Ao abordar o elemento água, aprendemos sobre a linguagem da cera derretida. Segundo a Ceromancia, prática divinatória que interpreta a cera, a vela representa o nosso corpo físico. Os desenhos que se formam carregam mensagens a serem lidas. Precisamos aprender o básico do significado desses recados se quisermos fazer magia com velas. Primeira coisa: vela que queima e não deixa cera. Quando uma vela queima por inteiro é sinal de que o pedido foi aceito e será realizado. Mas se o prato (onde a vela foi firmada) ficar muito sujo de cera pode indicar que há uma interferência negativa, então o que Michele

aconselha é que se acenda outra vela e mantenha a fé no pedido. Se porventura tenha sobrado pavio em meio aos resíduos da cera, a instrução é para que queime o restante e aí sim pode-se acender outra vela com a mesma intenção.

Eu sempre achei muito bonito quando a vela “chora” e fica com aquela aparência de derretimento. Mas aprendi que isso não é boa coisa. Na verdade, sinaliza dificuldade de realização do pedido, Michele explica que talvez não seja a melhor hora para a implementação do intento. N

Nos ensina a acender outra vela direcionada para o anjo da guarda pedindo por equilíbrio para tentar novamente no ritual original num momento mais propício. De qualquer modo, entendo que o significado depende também um pouco da interpretação do próprio praticante e do contexto em que aquela vela foi acesa. Uma das alunas disse que ao olhar o resíduo de uma vela que acendeu em casa, observou que a parafina derretida assumiu exatamente o formato de ondas do mar. Atribuiu isso como uma comunicação direta com seu mentor espiritual que na vida passada foi um pirata. Pode-se entender que o lixo gerado pelo uso da vela é tão sagrado quanto a própria vela, afinal ele que tornou possível a percepção da presença da entidade.

Ao formar um círculo a cera também mostra que a hora oportuna ainda não chegou, mas que a desistência não deve ser uma opção. ainda há um caminho que o praticante deve percorrer.

Já a figura do coração sempre traduz mensagens sobre amor, então se o pedido foi para a vida amorosa e um coração apareceu ao fim da vela, significa que o pedido foi aceito e realizado. Porém se esse coração estiver rachado é sinal de decepção nesse campo. Momentos de solidão, introspecção e recolhimento são mensagens que se relacionam com a figura da lua. Michele ensina que a lua, num geral, simboliza ilusão, então a vela comunica a necessidade de recolhimento até que tudo volte a ficar claro na vida do praticante.

Cera escura ou preta pode assustar, mas é um bom sinal. A cor preta é responsável por coletar energia negativa e se a cor do resíduo se assemelha a ela, significa que forças negativas tentaram atrapalhar o ritual, mas que a demanda foi cortada pela entidade/energia para quem foi ofertada a vela. É recomendado acender outra depois. Entretanto, se a cera romper o prato de apoio é porque um trabalho espiritual foi feito contra o magista, mas os seus guias quebraram a demanda. Então, uma outra vela deve ser acesa em forma de agradecimento.

Os pavios também requerem uma leitura específica. Uma flor revela que o pedido foi aceito e será realizado da forma como foi feito, já um coração denota que falta vontade

para realização, deve ser feito com mais amor. Aqui o pavio representa a consciência de quem acende, podendo denunciar a falta de confiança no que se pede. A dúvida ou hesitação podem ser constatadas pela identificação de um pavio que se divide em dois, mas essa divisão também pode indicar que o pedido será atendido em duas partes. Quando ele se divide em três, é porque há dificuldade para alcançar o pedido ou simboliza dúvida com relação ao desejo ou também que será realizado em três etapas distintas. O pavio torto é indicativo de falta de equilíbrio, o pedido deve ser feito em outro momento, pior ainda é quando ele demora a pegar fogo. Sinal de que energias negativas estão atrapalhando a comunicação com o plano sobrenatural. É o pavio que traz a primeira mensagem.

Capnomancia é o nome da prática divinatória que interpreta a fumaça. Mas a decodificação do elemento ar não foi abordada neste curso. Isso não significa que foi dada menos importância a ele. O certo mesmo é acender e deixar queimar até o fim, não se pode apagar a vela, segundo Michele. Senão o canal é fechado. Por isso, o recomendado é fazer num lugar em que não haja interrupções de pessoas ou vento/chuva. Mas caso seja muito necessário há uma forma correta de se fazer isso. Primeiro: não se pode fazer isso assoprando. O motivo é simples e faz bastante sentido dentro do paradigma da magia: os quatro elementos são representados por seres guardiões, os chamados elementais. O sopro é compreendido como uma manifestação do elemental do Ar, ao assoprar uma vela o praticante coloca as salamandras (Fogo) e os silfos (Ar) em conflito. Praticamente é uma ofensa aos elementais do fogo, então o modo correto de apagar não é usando o ar. Para fazer da forma certa, o praticante deve usar um abafador ou apagar com os dedos fazendo o movimento de pinça ao redor do pavio. Michele disse que algumas pessoas umedecem os dedos antes de fazer, mas ela desaconselha pelo mesmo motivo: seria igualmente ofensivo porque inibe a energia de um elemento com outro - a água. O macete é unir os dedos bem na altura da base da chama, onde a luz é azul. Dá um medo, parece que vai queimar. Mas não queima. Juro. Eu tentei e consegui, agora só faço assim.

Uma vez que o tópico dos elementos foi abordado, passamos para as cores. “Quanto mais a gente entrega para a magia, mais ela faz por nós” é quase um mantra que Michele repete ao longo do dia para nos fazer entender a seriedade da coisa. Cores específicas potencializam propósitos específicos e a lógica da cromoterapia se aplica às velas também, segundo a nossa Facilitadora. As velas vermelhas, por exemplo, são usadas em rituais para paixão, sexualidade, poder, coragem e materialização. É uma energia ativa, imponente e imperativa, o que casa muito bem com a vela marrom, que é indicada para rituais que envolvam processos judiciais, poder material, concretização e materialização também. As

duas podem ser usadas juntas para conseguir concretizar algo mais facilmente. Então se você precisa acelerar um processo na justiça que está parado há anos, a dica de Michele é que faça o ritual usando velas dessas duas cores. Para feitiços de amor - não paixão, são coisas diferentes - usa-se a vela rosa. Traz romance, felicidade e harmoniza as relações. Pode ser usada também para o autoamor em feitiços para trabalhar a autoestima.

A vela laranja traz sucesso profissional, alegria e criatividade, mas também trata questões ligadas à sexualidade. A vela que trabalha o intelecto é a amarela, usada na intenção de boa sorte, dinheiro, estudo e aprendizagem. A vela dourada deve ser acesa em rituais para sucesso rápido e riqueza porque ela trabalha o brilho pessoal, ou seja, se o praticante deseja ser notado e bem visto é esta vela que impulsiona isso. Ótima para manifestar o crescimento de um novo negócio que precisa de divulgação. A vela verde também trabalha para trazer prosperidade, afinal é a cor do dinheiro. É usada para atrair abundância, crescimento e equilíbrio, além disso também é usada para cura e para fortalecer a saúde.

O azul clarinho é a cor de vela para ser usada buscando tranquilidade, bons sonhos, boa comunicação e harmonia. Já o índigo, auxilia na concentração, meditação, expansão mental e quebra de magia negra. Tons assim geralmente são mais “espirituais” que os outros. Tanto que é a vela roxa a responsável por trabalhar com intuição, adivinhação, purificação e limpeza energética. Essa vela também aparece em feitiços para domínio e controle de terceiros, mas Michele reforça sobre a seriedade do trabalho e aconselha que se for usar em rituais com este fim que seja para o autodomínio e o autocontrole.

Velas cinza e prateadas combinam com rituais feitos em devoção à Lua, ajudam a ampliar a intuição e removem negatividade. A vela preta não precisa ser temida, ela auxilia na proteção, na libertação, no banimento de energias e quebra de demandas. Branco é a cor da purificação, a vela dessa cor é indicada para rituais de reversão de feitiços e iniciar novos projetos. Como a junção de todas as cores é o branco, essa vela pode ser usada na falta de outra cor. Ela é a vela coringa.

Para começar, Michele ensina um ritual simples de auto limpeza que usa apenas uma vela preta. A pessoa deve estar nua ou com o mínimo possível de roupa, mas como isso não é possível naquele momento, ficamos apenas descalças. Cada uma de nós então pega sua vela preta, acendemos sem firmar porque nesse ritual precisamos segurá-la com as mãos. Vamos fazendo movimentos circulares pelas partes do corpo inteiro, desde a cabeça até os pés enquanto mentalizamos todo o mal saindo de nós. Ainda com a vela acesa quebramos ela em três partes e aí sim apagamos. Colocamos dentro de uma sacola e jogamos sal grosso em cima para jogar esse resíduo no lixo.

O sal grosso funciona como um neutralizador das energias ruins que foram canalizadas do corpo para a vela. Por isso existe um protocolo a ser seguido quanto ao seu descarte. Michele explica que devemos fazer desta forma para que as energias absorvidas pelos resíduos não contaminem outras pessoas que vão manipular esse lixo, como garis ou pessoas em situação de rua. Já que esse não é um lixo comum. Ela ainda fala que tem costume de colocar no lixo separado para “itens contaminantes”, assim exclui as possibilidades de que pessoas em situação de rua manipulem pensando ser restos de comida.

Importante destacar que os quatro elementos também correspondem a cores específicas (amarelo para o Ar, Vermelho para o Fogo, azul para a Água e verde ou preto para Terra) e para intensificar a energia, podemos entalhar seus símbolos na vela usada.

Então, por exemplo, se um problema de falta de vitalidade me atinge, devo entalhar o símbolo do Fogo numa vela vermelha antes de acendê-la. O entalhe é mais uma prática que aumenta o poder e canaliza melhor a intenção. Será abordado mais à frente.

Agora partimos para a simbologia do formato das velas, assim como as cores, eles também carregam significados. As cilíndricas são as mais usadas porque são as mais fáceis de encontrar. Mais fáceis de produzir também justamente pelo modelo padrão de fôrma. Ela funciona para qualquer tipo de intenção permitindo que as energias circulem ao seu redor numa espiral ascendente. As velas quadradas são para magias de concretização, ligadas a aspectos materiais como dinheiro. As velas triangulares estão ligadas ao Fogo, carregam energia de início. São muito indicadas para dar coragem, conquistar desejos, vencer obstáculos e engrenar coisas.

A vela hexagonal é ligada ao Ar e associada a São Sebastião, é indicada para meditações em busca de sabedoria, proporciona foco, atenção e auxilia em assuntos que precisam de estudo e resolução de problemas. Trabalha o intelecto. Velas piramidais são ligadas a Terra, portanto ligadas também a energia de materialidade. Boas para realizar algo relacionado à elevação de alma devido ao formato que une todas as arestas no vértice do topo. De forma similar opera a vela cone, com o pico apontando para cima, ela simboliza a conexão com o céu e viabiliza a comunicação com o cosmos. As energias chegam primeiro pelo topo e se encaminham para a base. É ideal para intenções relacionadas ao material e ações decisivas para o futuro que precisam ser resolvidas rapidamente já que seu design facilita a comunicação com o cosmos.

Por fim, a vela em formato de meia lua tem ligação com Água. Combina com rituais para o fortalecimento da intuição, compreensão do oculto e revelação de mistérios. Também serve para amor e perdão por representar a força das águas em referência a Iemanjá e Nossa

Senhora da Conceição. Os formatos mais simples e versáteis são esses, Mas Michele também nos apresenta outros mais literais como a vela de figa (para proteção energética e fechamento de corpo), a vela de casal (amarrações, adoçamentos e harmonia entre os dois), vela de nó (quebra de maldições e desamarrar ou amarrar caminhos), vela de chave (abrir negócios, prosperidade, abrir caminhos etc), vela de cifrão (riqueza, bênçãos na área profissional e abertura financeira), vela de tesoura (cortes de relações, quebra de laços etc). Além das velas de partes do corpo, essas eu já conhecia porque Marcilei me mostrou quando visitei a loja de Marcelo, proprietário da Veluz. As de pernas e braços, por exemplo, são usadas para agradecer ou pedir bênçãos de cura. Já as de cabeça, também podem ser para doenças nessa parte do corpo, mas costumam ser usadas para aliviar pensamentos ruins ou amarrar alguém mexendo com a cabeça do alvo.

Já temos o conhecimento básico de qual cor de vela e qual formato funciona para uma necessidade própria, já sabemos como interpretar as chamas e os resíduos e já sabemos como apagar a vela, se necessário. Agora é só acender a vela mais apropriada, certo? Sim, certo. Mas “quanto mais a gente entrega para a magia, mais ela faz por nós”, então sempre pode melhorar.

Neste momento, Michele nos ensina a entalhar as velas antes de acendê-las. Temos velas de cores variadas à nossa disposição para serem usadas na sala. Escolhemos a que melhor se encaixa no objetivo e usando a nossa intenção e um boline, fazemos desenhos e escrevemos palavras no corpo da vela. Michele orienta que os símbolos escolhidos devam fazer sentido para quem está manipulando. Podemos entalhar nossos nomes ou nome da pessoa para quem o feitiço será direcionado, gravamos runas, símbolos dos elementos, números e representações gráficas de ideias como o cifrão. Caso o feitiço seja para um evento específico (como uma audiência, por exemplo) podemos entalhar a data. A direção é importantíssima para que aconteça da maneira correta: se for uma magia para banimento, deve-se escrever de baixo para cima. Se for para atração, deve-se escrever de cima para baixo.

O próximo passo é untar as velas. Usando azeite de oliva, óleo de coco, mel ou qualquer outro óleo vegetal ou essencial que seja coerente para a magia. Também pode-se usar um “óleo de poder”, um preparado especial para isso, como se fosse um blend. É um óleo criado pelo próprio magista segundo sua intuição e conhecimento da alquimia. Michele nos instrui sobre a maneira correta de fazer isso: para atrair o objetivo devemos untar a vela no sentido do pavio para a base e para afastar ou banir uma energia, devemos untar no sentido da base para o pavio. Sempre com a sua mão de poder - a mão dominante - em movimentos

de giro. Após untar a vela, grudamos ervas ou condimentos no corpo dela que também harmonizem com o ritual que está sendo feito. Eu escolho fazer um ritual para a prosperidade, por isso pego uma vela amarela, entalho palavras como “riqueza” etc, unto com óleo de alecrim e esfrego canela em pó. A vela fica linda. A canela preenche os vincos das letras entalhadas dando evidência às palavras e tornando elas legíveis. O cheiro na sala é maravilhoso. É quase como se estivéssemos fazendo obras de arte. Aqueço a base e firmo a vela num pires de louça branca, acendo minha vela e sob instruções da minha Facilitadora vou queimando folhas de louro na chama. A cada folha, faço pedidos, visualizo as conquistas e agradeço por elas.

De maneira fácil, potencializamos a magia de uma simples vela. Mas ainda há tempo para aprendermos rituais mais elaborados. Há uma infinidade deles. para prosperidade, desejo mútuo entre o casal, entrevista de emprego, se livrar de vícios e por aí vai. Para empoderar ainda mais a coisa aprendemos a usar velas em conjunto para formar mandalas. O ritual sai de algo simplório feito com uma única vela e se torna mais complexo quando unimos no mínimo três para formar um triângulo, indicado para magias de materialização do desejo mas serve para outros fins também. O triângulo é a mandala coringa. Além dessa figura, também podemos formar quadrados (para proteção), hexagramas e pentagramas (para intensificar o efeito de algo ou banir) e o círculo (relacionado a movimento). A regra é acender as velas sempre da direita para a esquerda para atrair e vice-versa para limpar e repelir. Nessa hora, cada aluna escolhe o ritual que deseja celebrar, já que estou ali por causa da pesquisa, escolho fazer um ritual que me ajude com ela.

Então com uma pomba desenho um triângulo equilátero num tampo de MDF. As velas mais indicadas para uma mandala de materialização são as vermelhas, mas como meu objetivo é acadêmico, uso duas vermelhas na base do triângulo e uma amarela no topo, já que amarelo serve para o estudo e a aprendizagem também. Entalho todas elas com palavras coerentes com meu desejo. No centro do triângulo coloco um papel com escritos sobre meu desejo de materializar a pesquisa, torná-la possível e existente no mundo. Acendo primeiro a amarela, depois a vermelha do lado direito da base e por último a vermelha do lado esquerdo. Imponho minhas mãos sobre a magia e faço uma oração. Mas não vamos ficar no espaço até as velas queimarem completamente. Pergunto para Michele se podemos usar o apagador para findar os rituais que fizemos. Ela responde que não. Uma vez iniciado o ritual ele não pode ser interrompido, por isso as velas ficarão queimando lá até o dia seguinte quando ela retorna para ministrar outro curso. Perguntei o que ela faria com os resíduos, estou preocupada com o fato de não ter controle total sobre o que eu fiz e onde depositei minha energia. Ela se

compromete a recolher os resíduos e descartar com sal grosso. E de fato, no dia seguinte, antes de se desfazer deles, ela nos mandou no grupo de whatsapp da turma as fotos dos rituais de cada uma de nós. As velas todas queimadas até o fim, atestando a magia concluída.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há regra ou dogma que delimite o significado dos usos das velas bem como do lixo sagrado proveniente delas. Marcelo vende mais facilmente as velas brancas do que as velas “já rezadas” de cera. Maurício entende que o desmanche da vela é religiosamente pedagógico e, por isso, necessário. Michele ensina que a queima uma vez iniciada deve ser totalmente concluída e que os resíduos devem ser cuidadosamente descartados, já que eles carregam uma energia particular.

Fato é que as velas residuais provocam e influenciam comportamentos, assim como as velas produzidas a partir de outras velas já usadas mobilizam sentimentos e sensações diversas naqueles que as manipulam. Acentuando essas interpretações a depender do lugar de onde vêm e das mãos por onde passam. Dessa forma, o lixo sagrado das velas nos permite enxergar que esses objetos, por meio de sua vida social, são produtores de sentido, de crenças e de experiências que impactam a vida social dos humanos que se relacionam entre si e com as velas.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EdUFF. 2008.

GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (org.). Como as coisas importam: uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2019.

MEYER, Birgit. A estética da persuasão: As formas sensoriais do cristianismo global e do pentecostalismo. Debates do NER, Porto Alegre, v. 2, n. 34, p. 13–45, 2019. DOI: 10.22456/1982-8136.89943.

MEYER, Birgit et al. “The origin and mission of Material Religion”. Religion, 40(3). 2010.

STENGs, Irene. Sacred Waste. *Material Religion* volume 10, issue 2, pp. 235–238. 2014.
DOI: <https://doi.org/10.2752/175183414X13990269049482>

TONIOL, Rodrigo; LINCE, Luiza; THOMAZ, Daniele. (no prelo) Sacred Waste: os dilemas da tradução e a escolha por Lixo Sagrado. *Debates do NER*. 2025.